

O MUNDO DOS BEATOS: A FORÇA DA UTOPIA NO NORDESTE SERTANEJO

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros.

Antropóloga. Doutora em Ciências Sociais - PUC/SP;

Professora Aposentada da UFRJ e da UERJ.

professoraluitgarde@gmail.com

Resumo

Reflexões sobre o fim do século XX, derrota dos regimes da União Soviética e do Leste Europeu, comemorado, na entrada do terceiro milênio, como o fim das utopias. Análise do conceito de utopia em Karl Mannheim e Gramsci, no estudo do “mundo beato” no sertão do Nordeste brasileiro, a partir de meados do século XIX – Padre Mestre Ibiapina e seus seguidores: Antonio Conselheiro, Padre Cícero Romão Baptista e Beato José Lourenço.

Palavras-chave: Mundo Beato Padre Mestre Ibiapina; Antonio Conselheiro; Padre Cícero Romão Baptista; Beato José Lourenço.

THE WORLD OF BEATOS: THE FORCE OF UTOPIA IN NORTHEAST SERTANEJO

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros.

Antropóloga. Doutora em Ciências Sociais - PUC/SP;

Professora Aposentada da UFRJ e da UERJ.

professoraluitgarde@gmail.com

Abstract

Reflections on the end of the twentieth century, defeat of the Soviet Union and Eastern Europe's regimes, celebrated, at the entrance of the third millennium, as the end of utopias. Analysis of the concept of utopia in Karl Mannheim and Gramsci, on the study of the “devout world” in northeastern Brazil, from the mid-nineteenth century - Father Meister Ibiapina and his followers: Antonio Conselheiro, Father Cícero Romão Baptista and Devotee José Lourenço.

Keywords: Devout World; Father Meister Ibiapina; Antonio Conselheiro; Father Cícero Romão Baptista; Devotee José Lourenço.

Há dois anos do fim do século XX, há três do início do terceiro milênio, a civilização tecnologicamente mais complexa que o homem engendrou, repetindo cenas de outros fins de século, se lançou num processo de avaliação do tempo vivido, correndo atrás do “*mito das origens*” para explicar e se nortear nas encruzilhadas dos caminhos percorridos nos últimos cem anos de cultura ocidental.

A cronologia inventada (para dar conta da vida entre os mitos de origem e os mitos escatológicos) empurra os homens, engolfados no esquecimento da corrida pelo consumo, pelos corredores escuros do medo, para olharem por janelas estreitas, tentando visualizar o que lhes está programado do outro lado do tempo.

Toneladas de papel e infinitésimos cumprimentos de ondas cruzaram o planeta anunciando a chegada do terceiro milênio. É a crença no mito de que um arrancar de folhinhas, a virada das páginas dos calendários e o apagar e acender das agendas eletrônicas introduzirão como num milagre algum elemento totalmente novo no cotidiano material dos homens, redirecionando sua marcha cega em busca da riqueza e do poder uns, e da sobrevivência miserável – a grande maioria.

Projeções alarmistas anunciam o *day after*, atraindo multidões assustadas para as chamadas “*igrejas eletrônicas*” que vendem garantia de salvação e paz. Grupos intelectualizados na cultura técnica planejam e executam a diminuição e o controle da população, em nome da defesa do planeta.

Outros ainda, para garantirem a inquestionabilidade de seus próprios projetos de dominação econômica e política sobre os povos, anunciam a fatalidade e irreversibilidade deste sistema social excludente, comemorando a derrota dos regimes da União Soviética e do Leste Europeu, como o fim das utopias.

É como se toda utopia se tivesse expressado através da ideologia política de direcionamento de uma economia de Estado. Por esta perspectiva, esmagando-se essa tentativa de materialização dos sonhos de igualdade e justiça social propagados por Saint-Simon, Tolsloi, Marx, Robespierre e milhões de outros seres humanos no desdobrar da história, corrobora-se o conceito de utopia, genericamente utilizado como algo irrealizável, fora do mundo material, produto dos desejos oníricos.

No livro *Ideologia e Utopia*, Karl Mannheim (1) dá um significado totalmente oposto à palavra utopia. Compondo uma teoria do conhecimento no que tange ao político, articula três instâncias do pensamento. Pensamento emergente (uma visão crítica do sistema, sem tentativa explícita de oposição); utopia (maturação do pensamento crítico, elaboração de um projeto substitutivo do sistema vigente, organizando-se os homens para a implantação de outra alternativa social, de um novo devir). Na perspectiva mannheimeana, quando o grupo até então utópico ocupa o poder e impõe seu sistema de vida procurando universalizar as próprias ideias, está-se diante da ideologia.

Compreendendo ideologia como concepção de mundo, Gramsci estuda a religião católica como forma específica de ideologia, considerando-a “*a mais gigantesca utopia, isto é, a mais gigantesca metafísica que apareceu na história, já que é a tentativa mais grandiosa de conciliar sob uma forma mitológica as contradições reais da vida histórica, afirma, na realidade, que os homens têm a mesma “natureza”, que, existe o homem geral, enquanto criado por Deus, filho de Deus, e por isso irmão dos outros homens, igual aos outros homens, livre entre os outros e como os outros homens, e que tal se pode conceber espelhando-se em Deus, “autoconsciência” da humanidade, mas afirma que tudo isto não é deste mundo e para este mundo, mas de um outro (- utópico). Assim, as ideias de igualdade, de fraternidade, de liberdade, fermentam entre os homens, naqueles estratos de homens que não se vêem nem iguais nem irmãos de outros homens, nem livres a respeito deles*”.⁽²⁾

Desenvolvendo a análise da religião católica, esse autor mostra a diferença entre os adeptos de camadas sociais elevadas, principalmente a alta hierarquia da Igreja e os seguidores pertencentes às baixas camadas. Enquanto os primeiros se regem pela teologia, tornando a mensagem igualitária cristã cada vez mais distante deste mundo, transferindo-a para uma eternidade idealizada, o catolicismo dos pobres é materializante, utilizado para resolver os problemas prementes do homem na Terra, em sua própria existência material.

Trabalhando esse viés interpretativo, analiso os movimentos sociais do Nordeste a partir do século XIX, período convulsionado pela Guerra do Mata Galego, Revolução de 1817, Confederação do Equador, Guerra dos Cabanos, Quebra-Quilo, Guerra de Canudos.

Pelo papel importantíssimo desempenhado na formação do Brasil, o catolicismo, seja pelos funcionários da Igreja (sacerdotes, bispos, etc.), seja pela hegemonia ideológica exercida até meados do século XIX, tem presença ativa nesses movimentos.

Diferentemente dos que explicam as revoltas populares apenas pela situação de *deprivation*, de crise econômica, chamo a atenção para o clima de agitação, da crise ideológica que se coloca para a Igreja desde a impregnação das “*elites*” brasileiras pelas ideias positivistas, a partir do século XIX.

Rompendo o monolitismo do bloco ideológico cimentado pela Igreja legitimadora do poder do Estado, a partir da Questão Religiosa do Segundo Império, muitos sacerdotes, notadamente no Nordeste, em torno das posições de D. Vital bispo de Olinda, racham a unidade mantenedora da coesão do mando e da submissão dos dominados. Após mais de trezentos anos de sacralização da autoridade, o povo analfabeto é convocado dos púlpitos das igrejas a se engajar numa cruzada condenatória dum “*governo maçom*”, assistindo às punições de vários padres acusados de “*pedreiros livres*” “*afastados da lei de Deus*” e tantos outros julgamentos que, rompendo a fé inabalável na divindade do poder, expuseram aos crentes pobres a fragilidade humana dos poderosos (sacerdotes e governantes) e a questionabilidade de verdades centenariamente pregadas e obedecidas como emanadas da vontade divina.

A partir de meados do século XIX o sertão do Nordeste é convulsionado pela pregação de um missionário que exproba a riqueza como fonte do mal, convocando os pobres a se unirem, sob a palavra de Deus, para mudarem as condições de abandono e injustiça a que os relegam os poderosos.

A chegada do Padre Mestre Ibiapina é a boa nova que sacode o isolamento das fazendas, concentrando nos povoados miseráveis a população dos arredores, arrastando, de centenas de léguas distante, milhares de crentes que vêm ouvir a nova mensagem cristã, baseada no trabalho, na oração e na caridade.

O missionário é o ex-deputado das cortes, ex-juiz de direito, ex-advogado dos sertanejos pobres, Dr. José Antônio Pereira de Ibiapina. Adolescente ainda, sofrera a perda do pai – Francisco Miguel Pereira Ibiapina, revolucionário fuzilado na Confederação do Equador e do irmão Raymundo Alexandre Pereira Ibiapina, assassinado pela repressão imperial na prisão de Fernando de Noronha. Às mortes seguira-se o confisco dos bens da família, cabendo-lhe a obrigação de criar os irmãos e prover a família, no que teve ajuda dos oratorianos do convento de Olinda, até o ingresso na Faculdade de Direito do Recife. Bacharel em 1832, dedica-se pelos próximos vinte anos à luta pela justiça e proteção aos desvalidos, como advogado e deputado. Como juiz de direito na cidade de Quixeramobim – Ceará, condena os poderosos

Araújos perseguidores dos Mendes Maciéis, pobres, mas honrados, expressão do ethos sertanejo. Acobertados pelo poder, os Araújos são libertados e assassinam membros da família Mendes Maciel, sob proteção judicial, por estarem ameaçados.

Ibiapina vendo a impossibilidade de demolir o domínio dos poderosos pela justiça e combater o crime organizado pela prepotência dos ricos e a corrupção da lei, demite-se da magistratura e é indicado deputado.

Até terminar o mandato em 1837, faz oposição ao governo. Voltando ao Nordeste, trabalha 15 anos em Pernambuco e no sertão da Paraíba, advogando em favor dos deserdados da fortuna, levando uma vida reservada, longe dos prazeres de sua classe, praticando a religião como um asceta, usando um silício sob a roupa. Desiludido da justiça dos homens, em 1853 recebe o presbiterato sem freqüentar o seminário. Nomeado Vigário Geral do Bispado e professor de Eloquência Sagrada no Seminário de Olinda, renuncia a esses cargos e parte ao encontro de seu povo, para a vida de missionário.

Durante quase trinta anos Ibiapina percorrerá e missionará o sertão do Nordeste, levantando populações com uma nova mensagem de esperança na justiça divina, condenando a riqueza e o poder, enfim, dessacralizando a ordem constituída na violência da assimetria social mais explícita.

Os sertanejos se impregnam dessa nova interpretação católica: *“Desde o absurdo da miséria em que vivem, os erros do governo, a vida pecaminosa de sacerdotes corrompidos, a violência das cabrueiras, a riqueza dos poderosos; nada mais neste mundo injusto e cruel emana da vontade de Deus”*.⁽³⁾ Por esta nova concepção de catolicismo, o evangelho não é mais uma preparação para a vida depois da morte; é um guia, um plano divino de edificação de uma nova vida, onde as pessoas viverão na Terra a plenitude da fé, do trabalho e da caridade, ajudando-se enquanto irmãos, respeitando-se enquanto filhos de Deus, longe do pecado (violência, preguiça, ganância, fome, prostituição, exploração do trabalho alheio).

Demonstrando a indissociabilidade entre fé e prática, Ibiapina quebra o monopólio de interpretação teológica dos evangelhos por parte da alta hierarquia da Igreja e estabelece a vivência radical dos ensinamentos do evangelho como a vida Santa a ser alcançada pelos homens. Embora muitos sacerdotes engrossem as multidões que acompanham suas prédicas, Ibiapina não confia no corpo sacerdotal *“engolfado com os gozos do mundo”* e cria sua própria ordem de pregadores – os beatos, em sua maioria homens e mulheres das famílias

mais pobres, analfabetos, ex-escravos e mulatos, que ele educa no trabalho, nas letras, na fé, na caridade e na humildade.

Organizando os homens para viverem na prática social as promessas do evangelho, Ibiapina constrói a utopia segundo o conceito de Mannheim, um projeto de transformação do mundo, ação para implantar, produzir uma nova realidade. Enquanto apostrofa contra a riqueza, os ímpios e os maçons, o missionário convoca o povo para o trabalho, santificado por Deus, apontando a cobiça, o roubo, a violência e o adultério como obras do demônio.

Seu apostolado se dirige no sentido de resgatar a dignidade do trabalhador, num período em que o trabalho era estigma de escravidão e convoca o povo em mutirão para preencher o absenteísmo institucional que caracteriza o universo das baixas camadas. Sua ação evangelizadora era também civilizadora. Ensinando os beatos e beatas a ler e escrever, orientando a construção de casas arejadas com jardins e pomares, Ibiapina e seus seguidores acodem às necessidades das populações sertanejas mais pobres, construindo hospitais (Casas de Caridade), orfanatos, açudes, cemitérios, igrejas e escolas. Profundamente enraizada na cultura sertaneja, a materialização da utopia por ele pregada e vivida, é uma solução endógena, uma utilização fecunda de conhecimentos dos homens e de suas articulações culturais, tudo reunido nas chamadas “*regras do bem viver*”, conjunto de regulamentos escritos por Ibiapina para orientar a conduta de seus seguidores, principalmente os que viviam nas casas de caridade e os beatos e beatas.

Preocupando-se com o soerguimento das baixas camadas, transforma todas as órfãs criadas nas dezenas de Casas de Caridade espalhadas pelo sertão, em professoras, exímias bordadeiras, auxiliares de enfermagem, conhecedoras dos evangelhos. As que se casassem deveriam abrir escolas onde fossem viver, praticar a caridade, ser exemplares mães de família e cuidar dos enfermos, órfãos e necessitados, orientando todos no cristianismo. Os beatos trabalhavam na agricultura, no criatório e nas artes (ofícios artesanais) para proverem as necessidades das casas de caridade, corriam mundo pregando a nova interpretação do evangelho para a prática do bem e da cooperação. Pediam esmolas para os órfãos e necessitados e prosseguiram a obra do Mestre, organizando o povo onde se fizesse urgente combater o pecado da fome, da miséria, as doenças e toda forma de iniquidade.

Espontaneamente esses homens haviam aderido a uma forma de vida mais próxima de sua práxis de trabalho e de seus anseios de melhoria de existência, coerente com sua materializante concepção de mundo.

Preocupado com os milhares de sertanejos que acorriam ao chamado do missionário, D. Luís dos Santos, primeiro bispo do Ceará, proíbe as pregações, expulsa Ibiapina de sua diocese e fecha as casas de caridade ao lhes negar recursos e proibir a ação dos beatos e beatas. Assiste-se a uma verdadeira perseguição aos beatos em várias dioceses do Nordeste.

Na seca de 1877, que arrasou pela fome, pelas doenças e pelas migrações forçadas pelo governo, mais da metade da população sertaneja, Ibiapina mandou o beato esmolé Irmão Ignácio, às principais capitais do país. Magro e macilento, descalço, vestindo um camisão azul, com uma cruz e os bentos pendurados, comoveu a corte do Rio de Janeiro, tendo arrecadado vinte e dois contos de réis para as vítimas da seca e as mil órfãs das casas de caridade. Um cearense de Quixeramobim, Antônio Vicente Mendes Maciel, sobrevivente das guerras entre Araújo e Maciéis, pobre, ex-comerciante, ex-professor, ex-rábula derrotado pela força dos poderosos, desiludido do mundo, encontra em Ibiapina seu mestre, aquele que o guiará pelos caminhos do sertão, atravessando caatingas, vadeando rios, pregando o bem, trabalhando, aconselhando, percorrendo o mundo de infelicidade, palco de sua vida errante. Para o povo sofrido do sertão ele será “*Seu Conselheiro, Antônio dos Mares, Santo Conselheiro, Bom Jesus, Santo Antônio Aparecido*”.⁽⁴⁾

Encerrando o nomadismo de mais de duas décadas de caminhadas pelo sertão do Nordeste, em junho de 1893, o beato Antônio Conselheiro, acompanhado por centenas de sertanejos escravos, desempregados, sem terra, doentes, sem lugar no mundo da produção nacional da época, os seus “mal aventurados”, chega, com mais de 60 anos de idade, ao fim da peregrinação.

Fugindo do confronto com o governo, que tivera no fogo de Masseté, o Peregrino chegava no povoado Canudos, convidado pelas famílias Macambira e Mota, para construir uma igreja para Santo Antônio. Deslumbrado com a paisagem do Vaza Barris correndo no sopé de pequenas colinas, Conselheiro rebatizou o lugar com o nome de Belo Monte. Rompido com o mundo de seu tempo, ali tentaria implantar uma nova ordem com relações sociais no modelo do evangelho cristão: Todos iguais enquanto filhos de Deus, dignificados pelo trabalho, vivendo em paz na fé, esperança e caridade. A partir daquela data os relatórios policiais

denunciaram o movimento de milhares de sertanejos, se deslocando dos lugares mais distantes e até das redondezas, em busca do Belo Monte, do mundo do Conselheiro.

Mas nem ali, no recanto mais distante dos centros urbanos de poder, nos confins do sertão – bem perto do Raso da Catarina, o Peregrino e seu povo puderam viver a paz desejada. Atacado pela Igreja, autoridades judiciais e governos estadual e federal, o povo de Belo Monte viveu de junho de 1893 a outubro de 1897, o mais acelerado crescimento demográfico da história regional, o mais grandioso exemplo de solidariedade e resistência, culminando com seu registro na história como o maior genocídio praticado no país.

Amado por seu povo até o holocausto, odiado e injuriado pelos poderosos da Bahia e a população urbana do Brasil ataçada por intelectuais da época, considerado louco por D. Luís dos Santos então arcebispo da Bahia, caluniado como assassino e julgado como fanático com pendores de Messias anunciante do fim do mundo, Antônio Conselheiro sob o bombardeio das tropas, muito doente, dita a mensagem que explica a profunda relação de lealdade e confiança entre um homem e seu povo:

“Praza aos céus que abundantes frutos produzam os conselhos que tendes ouvido; que ventura para vós se assim o praticardes; podeis, entretanto, estar certos de que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, nossa luz e força, permanecerá em vosso espírito. Ele vos defenderá das misérias deste mundo; um dia alcançareis o prêmio que o Senhor tem preparado (se converterdes sinceramente para Ele) que é a glória eterna. Como não ficarei plenamente satisfeito sabendo da vossa conversão, por mim tão ardentemente desejada. Outra coisa, porém, não é de esperar de vós à vista do fervor e animação com que tendes concorrido para ouvirdes a palavra de Deus, o que é uma prova que atesta o vosso zelo religioso. Antes de fazer-vos a minha despedida, peço-vos perdão se nos conselhos vos tenho ofendido. Conquanto em algumas ocasiões proferisse palavras excessivamente rígidas, combatendo a maldita república repreendendo os vícios e movendo o coração ao santo temor e amor de Deus, todavia não concedam que eu nutrisse o mínimo desejo de macular a vossa salvação (que fala mais alto do que tudo quanto eu pudesse aqui deduzir) me forçou a proceder daquela maneira. Se, porém, se acham ressentidos de mim, peço-vos que me perdoeis pelo amor de Deus. É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me, assim, bastante! São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto dominam em vossos corações tão belos



sentimentos! Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja. Praza aos céus que tão ardente desejo seja correspondido com aquela conversão sincera que tanto deve cativar o vosso afeto. ⁽⁵⁾

Pelas pesquisas do professor Calasans, índios dos aldeamentos de Mirandela e Rodelas, escravos, sobreviventes das chacinas da Chapada Diamantina, trabalhadores da enxada, artesãos, doentes e beatos de várias procedências lutaram e morreram na defesa do mundo do Conselheiro. Os vinte e cinco mil mortos, os sobreviventes da guerra de Canudos, os beatos e romeiros que se espalharam por vários Estados atestam a abrangência das mensagens transmitidas, a força de coesão da utopia cristã no sertão nordestino de meados do século XIX até a década de 40 do século XX.

A utopia que gerou Belo Monte desesperou de tal forma os civilizados urbanos, progressistas e positivistas, que neles desencadeou uma fúria assassina capaz de levar oficiais e soldados rasos a brutalidades estarrecedoras, como jogar na fogueira homens e mulheres com crianças no colo, porque se recusavam a dar viva à República. Gritando viva o Conselheiro, milhares de homens foram eventrados e degolados por gente civilizada que discursava alertando contra o perigo de fanáticos seguidores de um louco - produto da mestiçagem degenerativa.

Espantado com a capacidade de resistência daquele povo em defesa de sua utopia, o General Arthur Oscar, comandante da 4ª Expedição que dinamitou todas as casas do Belo Monte, além de cobrir os escombros com querosene e atear-lhes fogo, escreveu: “*É para lamentar que o inimigo fosse tão valente na defesa de causas tão abomináveis*”.⁽⁶⁾

A destruição e decapitação do Conselheiro, a proibição de sepultamento dos sertanejos mortos na guerra, o terror espalhado pelas tropas estuprando centenas de prisioneiras, a repartição das crianças entre a soldadesca e os prostíbulos, a degola dos prisioneiros, e a morte de 60% das sobreviventes na longa marcha a pé até Alagoinhas e nos trens até Salvador, tudo isso não conseguiu matar a utopia para cuja materialização os sertanejos se encontraram no Belo Monte. O silêncio da história oficial não conseguiu fazer desaparecer o episódio mais dramático da vida nacional, quando Igreja, Estado e Intelectuais se reuniram para o esmagamento de um projeto social, tido pela camada dirigente, como perigosa ameaça ao projeto das elites, a República.

Perseguidos pela Igreja e pela polícia, centenas de beatos e beatas refugiaram-se no Juazeiro do Norte onde, sob a proteção do Padre Cícero, organizou-se com maior êxito uma sociedade plasmada na materialização da utopia segundo o catolicismo popular do sertão do Nordeste, vale dizer, o mundo dos beatos - Caldeirão.

O paraibano José Lourenço Gomes da Silva, aos 20 anos de idade, chega ao Juazeiro em procura da orientação do Padre Cícero, que lhe recomendou um tempo de penitência, ao fim do qual situou-o no sítio Baixa Danta, na qualidade de rendeiro, a fim de cumprir u'a missão.

Lavrador primoroso, em pouco tempo José Lourenço transformou aqueles carrascais numa das mais férteis propriedades da região. Solteiro, levando vida “*fora dos enganos do mundo*”, dividia entre os necessitados o produto de seu trabalho. Vestia-se como um homem comum, só envergando o hábito de beato nas festas religiosas quando carregava uma cruz nas costas, conduzindo devotos e penitentes em procissões.

Para seus cuidados o Padre Cícero enviava os romeiros mais miseráveis, desesperados e fugitivos de perseguições, para serem reeducados no trabalho, em seu exemplo de humildade e mansidão. Em pouco tempo grande número de adeptos constituía uma pequena comunidade ordeira e trabalhadora, atraindo gente do Rio Grande do Norte e da Paraíba, enquanto a propriedade progredia. Sua fidelidade transformou-o no mensageiro do Padre Cícero em missões sigilosas, recebendo, também, do seu “*Padrinho*” autorização para doutrinar os romeiros, orientando-os nas “*regras do bem viver*”.

Apesar de analfabeto, é lembrado por seus seguidores como um grande conselheiro, alguém que nunca errou na orientação dada a seu povo.

Foi denunciado pela Igreja como criador de “*nefanda heresia*” de adoração de um “*Novo Deus – o Boi Ápis*”, referindo-se aos cuidados que o beato dispensava ao primeiro boi da raça nelori chegado no sertão, presenteado ao padre Cícero por Delmiro Gouveia, o industrial que primeiro explorou a energia da Cachoeira de Paulo Afonso, criando a Fábrica de Linha da Pedra. Preso, sem comer 18 dias, o beato sofreu essas perseguições por parte do deputado por Juazeiro, Floro Bartholomeu da Costa, querendo provar à imprensa, ao governo e à população urbana, que não se compactuava com fetichismo no Juazeiro.

Ainda na década de vinte, depois da morte de Floro Bastolomeu, o beato é despejado da Baixa Danta, perdendo todo o trabalho feito na propriedade, quando o fazendeiro vende as terras

valorizadas pelas benfeitorias implantadas pela comunidade romeira que aí vivia. O Padre Cícero situa-o então na fazenda Caldeirão, município do Crato, outra propriedade inóspita, coberta de pedras, de difícil acesso. Com seu povo que crescia a cada ano, o beato transforma num oásis, com engenho de rapadura, criatório e dadivosa agricultura o antigo semi-árido sertanejo.

Descrevendo o mundo do Caldeirão, assim se expressou uma romeira do Padre Cícero, e também da Irmandade do Beato Zé Lourenço: (A informante é Maria de Jesus Dinis, filha do poeta José Bernardo da Silva e mãe do poeta-xilografador Stênio Dinis):

“Aquele homem era um santo! Ói minha gente, ele não era um homem de ambição desse mundo! Ninguém nunca viu ele mangá do mais pobre, ter ganância de dinheiro, botar a mão no alheio, desgraça u’a moça, levantá a língua contra um filho de Deus, mostrá u’a malquerença; não senhora!!! Era um homem do trabalho dele e da reza. Sem orgulho. Ninguém se valia dele que não tivesse um ajutório. Chegava aquele povo pobrezinho do mei do mundo, aquele bando de inocentes, tudo chorando, aquele fim de mundo! E ele ali manso, ajuda um, ajuda ôtro, tratava logo de arranchar tudo, mandava levantar uma casa, botava logo os mais sadio no trabalho. Aquilo era uma beleza de Deus! Ali ninguém passava fome; não senhora! Era tudo irmão. Tudo trabalhando junto, rezando junto, ali era uma beleza! As mulé ou na roça ou fazendo pano, ou costurando, ou cuidando da casa, tudo vestido direito, no procedimento. Qualquer coisa que acontecia corria aonde tava o Beato e ele resolvia. Era o céu! Eita povo bom! Era tanto do homem na roça, os paió tudo cheio, uma fartura que fazia gosto. Ói, ali era igual, não sei não; a bondade do mundo todo, não sabe? Uma orde, todo mundo obedecendo, era uma beleza! E de noite na igreja? Todo mundo lá rezando, mulé, menino de braço, o povo todo. E o beato dando valia a um, valia a outro, conselho a um, conselho a outro, e mandando o povo rezá e trabalhar!

Sob a proteção do Padre Cícero, o povo de Zé Lourenço viveu com o beato aquele mundo de materialização da utopia cristã, durante mais de vinte anos. Em 1937, os salesianos, recebendo aquela propriedade doada por testamento do Padre, após sua morte ocorrida em 1934, iniciam um processo de expulsão e destroçamento da comunidade, orquestrando as perseguições com uma campanha difamatória transformando o beato até então respeitado como pacífico homem do trabalho, num libidinoso prostituidor das meninas da Irmandade.

Utilizando a tecnologia mais avançada da época, no Estado Novo o coronel José Góes de Campos Barros comandou a expedição que destruiu a sociedade do Caldeirão, que contava na época com mais de cinco mil habitantes. Justificando a violência do ataque, onde se utilizou até bombardeios aéreos, escreve o livro *“Ordem dos Penitentes”* eivado de preconceito racial, em trechos como estes: *“o beato José Lourenço, tipo clássico de fetichista, meio santo, meio D. Juan. Preto, contando atualmente quase sessenta e oito anos de idade... Sem escrúpulos anatômicos e etnológicos, o nosso herói se fez São José. Não sei como se teria arranjado para harmonizar os seus cabelos enroscados, seus lábios grossos e o nariz chato com o perfil sereno e correto do humilde Carpinteiro da Galiléia... O meigo Francisco de Assis estava sob a pele lustrosa de um negro legítimo, a ponto de fazer inveja ao próprio São Benedito, se os santos fossem capazes de inveja”*.⁽⁶⁾

A respeito da organização da comunidade do Caldeirão, escreve: *“Sob a influência direta do beato havia cerca de duas mil pessoas de ambos os sexos e todas as idades. Reinavam ali uma disciplina absoluta e uma ordem rígida. A ascendência de Lourenço sobre a sua gente não conhecia limites. Aliás, faça-se justiça, o espetáculo de organização e rendimento de trabalho, com que deparamos, era verdadeiramente edificante... A terra é sáfara e quase estéril. Desejaríamos, mesmo, concluir que somente a fé inabalável daqueles homens rudes, de rostos severos e mãos calosas como carapaças de tartarugas, seria capaz de fazê-la produzir. E ela produz. É aqui que vamos encontrar o lado mais grave e pitoresco do fenômeno, encarado do ponto de vista social: o beato, sem o saber, era marxista – marxista prático. Para os seus celeiros convergiam todos os produtos da comuna: com seu ferro e o seu sinal, eram marcadas todas as reses da fazenda, todos os porcos, todos os cavalos. Mas, explicava, modesto e desprendido, aqui nada me pertence, é patrimônio de todos os que vivem nesta irmandade e recorrem à nossa proteção... O ambiente era humilde e, excluindo as pessoas, agradável e asseado... Naqueles domínios, onde já havia uma significativa e perigosa veleidade de autonomia, o dinheiro não tinha expressão, porque ninguém precisava dele. Se todos trabalhavam para a Irmandade, como diziam, todos recebiam, na véspera, a ração do dia seguinte: esta constava, normalmente, de milho, feijão, farinha ou arroz e os fanáticos denominavam-na de comissão, era distribuída de acordo com o número de pessoas de cada família, não constando que, jamais, alguém fizesse uma reclamação ou protesto”*...

A repressão espalhou o povo do Caldeirão por todo o sertão do Nordeste, depois de repetir decapitações como em Canudos. O beato fugiu para a Fazenda União, pertencente ao Senhor

Ayres Alencar de Exu – Pernambuco, e os prisioneiros resistiram às torturas, como foi o caso de seu Eleutério Tavares, filho de Severino Tavares, chefe da resistência. Seis meses prisioneiro, resistindo às torturas do pau-de-arara, seu Eleutério não revelou o destino do beato. Até o fim de sua vida no Juazeiro, trabalhou e amparou muitos velhos sobreviventes do Caldeirão. Revelou-me que não pudera encontrar os restos mortais de seu pai que tivera a cabeça separada do corpo. Fizera o enterro, marcara com uma cruz e quando saíra da prisão haviam arado o local e nunca mais pudera rezar na sepultura de seu pai – o beato Severino Tavares, apontado por muitos estudiosos como o organizador do movimento religioso de Pau de Colher na Bahia. O equívoco é que essa comunidade se organizara alguns anos após a morte de Severino Tavares cujo filho, Eleutério Tavares, me deu esse depoimento. A história completa de Caldeirão e Severino Tavares está sendo escrita pela professora Loureto, do Juazeiro, filha de Eleutério e neta de Severino Tavares, o chefe da resistência do Caldeirão.

Parte dos sobreviventes conseguiu se juntar a Zé Lourenço em Pernambuco. No dia 12 de fevereiro de 1946 o beato morre de morte natural, na fazenda União. Seus seguidores, durante a noite caminham treze léguas (78 Km) atravessando a serra do Araripe e levam o corpo para Juazeiro erguendo-lhe uma capelinha no cemitério, bem ao lado da Igreja do Socorro onde repousa o Padre Cícero na veneração de seu povo. Em 1973 entrevistei seu Manoel, um velho sobrevivente do Caldeirão, que assim explicou a perseguição dos salesianos ao beato Zé Lourenço:

“Todos sabem que num tempo a igreja verdadeira foi dividida e muitos ficaram com Roma, ficaram pra acabar a fé em Deus. A maioria dos padres estão na igreja, por orde de sataná. O povo tem de escolher quem é o falso e o verdadeiro; não é ir assim seguindo qualquer um. Meu padrim fez nós sofrer pra ver que o padre chefe dos salesianos era um condenado que não conhecia a caridade de Deus. Meu padrinho José sofreu as provações pra nós ver que era Santo. A Sra. não se engane, que a igreja vai terminar como começou: sem papa, sem bispo, só com padres tementes de Deus, caridoso com o povo, sem vaidade de sataná, na santa simplicidade!!!”.

Da cidade santa Belo Monte restam o registro da epopeia da guerra de Canudos e a memória dos descendentes dos construtores e defensores do mundo do Conselheiro. Do Caldeirão, poucos sobreviventes muito velhos. Seus filhos e os filhos de seus filhos cuidam da “*Terra Santa do misterioso cemitério do Socorro*”, iluminado todas as noites como festa de Natal.

Por trás da propaganda televisiva, dos interesses econômicos e políticos, milhões de miseráveis, expatriados para o Sul Maravilha, ou comprimidos nos espaços cada vez mais restritos de sua terra de origem, ou engrossando as multidões de sem-terra tangidos por esses Brasis, na Baixada Fluminense, nas favelas do Rio e São Paulo se organizam em romaria para a Terra da Mãe de Deus.

No imaginário dos nordestinos pobres e desprotegidos o Padre Cícero é o mensageiro que leva a Deus suas histórias de vida de injustiça e miséria. Cada dia com mais fervor esperam, pela força da utopia cristã, que se concretize na terra o mundo de justiça, terminando, por fim, o secular imposto de sofrimento que os sistemas sociais lhes têm imposto, há cem anos como hoje, em nome do progresso, do desenvolvimento e da melhoria da humanidade.

(1) GRAMSCI, Antonio. 1974, p. 141.

(2) BAROS, Luitgarde. 1993, p. 12.

(3) CALASANS, José. 1986, p. 7

(4) NOGUEIRA, A. 1974.

(5) BARROS, Luitgarde. Ibid, p. 12.

(6) Gal. BARROS, J.G. de Campos. *Apud* BRAGA R. 1964, p. 190.

Referências Bibliográficas

MANNHEI, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972.

GRAMSCI, Antonio. **Obras Escolhidas**. Vol. 1 Coleção 12. Lisboa. Editorial Estampa, 1974.

BARROS, Luitgarde. De Canudos a Belo Monte, Centenário da Utopia. Rio de Janeiro, **Jornal Inverta**, julho de 1993.

CALASANS, José. **Quase Biografias de Jagunços**. Salvador. U.F. Bahia, 1986.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. O mundo dos beatos: a força da utopia no nordeste sertanejo

NOGUEIRA, A. **Antônio Conselheiro e Canudos**. São Paulo. Cia. Editora Nacional. Coleção Brasileira, 1974.

BARROS, J. G. de Campos. Ordem dos Penitentes. In.: BRAGA, R. **Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará**. Fortaleza. Imprensa Universitária, 1964.

Recebido em 31/ 10/ 2019

Aprovado em 26/ 11/ 2019

Publicado em 30/12/ 2019